

Fazenda exige teste de gravidez para contratar

LINA DE ALBUQUERQUE

BOA ESPERANÇA DO SUL

— A fazenda Java, em Boa Esperança do Sul, está exigindo testes de gravidez ou atestados de laqueadura (esterilização) para contratar novas funcionárias. Essa denúncia foi feita por cerca de 30 mulheres que participaram no domingo de uma reunião promovida na Escola Coronel Marcelino Braga, na cidade, pelo Conselho Estadual da Condição Feminina. O proprietário da fazenda, Jorge Afonso, negou as acusações. Mas o médico Ronaldo Félix confirmou que vinha sendo solicitado pelas candidatas para fazer testes de gravidez (prognosticon) com a finalidade de contratação.

Há dois meses, os três médicos da cidade, que fica a 300 quilômetros de São Paulo, decidiram não fornecer mais o papel com o resultado do teste de gravidez. "Somente informamos se a mulher está ou não grávida, porque discordamos do destino que estava sendo dado aos atestados", disse o médico Ronaldo Félix. Essa iniciativa não parece ter solucionado o problema. Ao contrário, contribuiu para indispor algumas mulheres contra o serviço médico local: elas passaram a fazer os testes em Bocaina, cidade vizinha.

Na opinião de Nelson Chaves, presidente da Associação Paulista de Medicina do Trabalho, a atitude dos médicos pode ser aparentemente ética, embora não seja justificável. "Trata-se de um gesto meramente paternalista", avaliou. A exigência de exame de urina para provar a não-gravidez ou atestado de ligadura de trompas fere a Constituição Federal, pois caracteriza uma discriminação contra a mulher. Nair Goulart, ex-diretora do Sindicato dos Metalúrgicos e membro do Conselho da Condição Feminina, observou que, em um primeiro nível, é natural que as candidatas a emprego se revoltam contra os médicos da cidade. "Elas precisam trabalhar e, como não conhecem os seus direitos, imaginam que eles não querem ajudá-las" ponderou.

Na reunião de domingo, as mulheres começaram a entender pela primeira vez uma das razões pelas quais alguns empregadores da região estão impondo mais restrições ao ato de admissão: a nova Constituição, promulgada em 1988, ampliou a licença-maternidade de 84 para 120 dias. Segundo Benedito Carvalho Filho, presidente do Sindicato dos Empregadores Rurais de Boa Esperança do Sul, Java não constitui o único problema da região: a fazenda São Geraldo, de acordo com ele,



Itamar Miranda/AF

Mulheres de Boa Esperança do Sul: briga com médicos

simplesmente deixou de contratar pessoas de sexo feminino e dispensou as mulheres, a Usina Zanin mantém seu próprio corpo médico para realizar os exames de gravidez.

A Fazenda Java tem cerca de 800 empregados e se destina ao cultivo de cana e laranja. O Conselho da Condição Feminina enviou em dezembro do ano passado uma carta à sua administradora, Marlene Suadine, informando sobre o conhecimento do seu procedimento, mas não obteve resposta. A Delegacia Regional do Trabalho já encaminhou o caso para o Ministério do Trabalho. Segundo Nezita Carvalho, 23 anos, que há 15 dias procurou a administradora para ser contratada, a fazenda continua operando do mesmo modo. "Levei o atestado de não-gravidez, mas eles agora só admitem mulheres acima de 30 anos", contou. A denúncia das mulheres de Boa Esperança do Sul foi confirmada por duas empregadas atuais da Java, que preferiram não se identificar.

O caso de Marilena de Ca-

margo, de 40 anos, foi ainda mais complicado. Ela disse que os contratantes não se satisfizeram com o atestado de não-gravidez, feito em Bocaina, e exigiram o certificado de laqueadura. Ela resolveu então se esterilizar, em Araraquara, mas mesmo assim não foi admitida. Isildinha Teixeira, 33 anos, enviou o mesmo atestado, mas não foi contratada por outro motivo: ela fez campanha em favor do atual prefeito, Silvio Schmidt, e os contratantes apoiavam outro candidato. O prefeito da cidade, proprietário de uma fazenda vizinha à Java, afirmou desconhecer por completo a existência de tais acusações. "Se o Brasil contasse com mais homens como o dono da Java, ele seguramente não estaria em crise", elogiou. Nezita Carvalho disse que a situação da cidade, de 15 mil habitantes, está se tornando insustentável devido à restrição à mão-de-obra feminina. "Na semana passada, as crianças organizaram um saque coletivo na feira", contou.